

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Negros de classe média nas periferias de São Paulo. Segregação e identidade.

Danilo Sales do Nascimento França.

Cita:

Danilo Sales do Nascimento França (2009). *Negros de classe média nas periferias de São Paulo. Segregação e identidade. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/144>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Negros de classe média nas periferias de São Paulo

Segregação e identidade

Danilo Sales do Nascimento França

Universidade de São Paulo, Brasil

danilo.franca@usp.br

1. Introdução

O presente trabalho pretende apresentar alguns resultados iniciais e questionamentos em desenvolvimento em pesquisa de mestrado sobre os negros de classe média residentes nas periferias da cidade de São Paulo, Brasil.

O objetivo desta pesquisa é desenvolver uma análise do tema da segregação residencial tendo em vista as questões acerca da ascensão social da população negra. O enfoque específico será sobre os negros de classe média que residem em bairros periféricos de São Paulo, e sobre as consequências da segregação para este grupo. Articulando, deste modo, os temas raça, classe e espaço urbano. A pesquisa partirá da localização desta população no espaço do Município de São Paulo, indo na direção das experiências de moradia e relações de vizinhança deste grupo, e das representações que constroem a respeito de si, de sua identidade e dos locais onde residem.

Dentre os poucos trabalhos realizados sobre segregação com base em raça no Brasil, o estudo mais sistemático é o do sociólogo norte-americano Edward Telles. Entretanto, os trabalhos de Telles têm servido de inspiração para diversos outros como Costa e Ribeiro (2004), Garcia (2007), Ribeiro (2007), além da presente pesquisa.

Já os estudos sobre os negros que ascenderam socialmente ou em processo de ascensão social parecem representar uma temática promissora, não apenas porque se tem observado um aumento numérico da população negra que ingressa nestes estratos (Figueiredo 1999), como também têm surgido diversos estudos sobre segmentos específicos deste grupo.

Os principais estudos recentes sobre os negros de classe média têm resultado em algumas conclusões diferentes das constatadas nos estudos clássicos das relações raciais brasileiras que apontavam, por exemplo, que a ascensão social de negros pode ser descrita como um processo de embranquecimento.

Atualmente, as pesquisas apontam que na trajetória de ascensão dos negros verifica-se um fortalecimento da identidade étnica e o cultivo de um “orgulho da cor e da ascendência negra” (Figueiredo 2002: 116). Esta “identidade étnica tardia”, como Ângela Figueiredo chama a identidade desenvolvida durante o processo de ascensão, trata-se, em parte, de uma forma de resposta às situações de discriminação, que se tornam cada vez mais fortes quanto mais alto for o estrato social.

A autora realça o fato de que os negros que ascendem pagam um alto preço por estarem “fora do lugar” sociologicamente construído e simbolicamente determinado, sendo alvo de preconceitos e discriminações.

“(…) enquanto ocupavam a base da estratificação sócio-econômica, e viviam em bairros pobres, esses indivíduos não se sentiam fora de lugar e não eram vistos como tais. Situação oposta ao que ocorre quando eles passam a exercer cargos de comando, ocupar posição de destaque no mercado de trabalho, morar em bairros de classe média (...), se dirigem aos espaços sociais freqüentados pela classe média, a exemplo de bares, lojas e restaurantes e quando matriculam os seus filhos em boas escolas particulares.” (Figueiredo 2004: 227-8)

Ao freqüentarem estes espaços e tentarem desfrutar de sua posição econômica elevada,

através do consumo de bens e serviços considerados caros ou luxuosos, por exemplo, estes indivíduos são vistos como negros e tratados do modo como se trata, em geral, os negros no Brasil, sempre com certa desconfiança.

Desse modo, eles são levados a refletir sobre a sua condição étnico-racial e sobre os limites da ideologia racial brasileira.(...) restando apenas a possibilidade da assunção de uma identidade étnico-racial tardia..” (Figueiredo 2004: 208-9)

Deste modo, Figueiredo (2002) argumenta que, na verdade, a maior escolarização e a ascensão sócio-econômica atual, em lugar de implicar um embranquecimento, possibilitam maior reflexão e valorização étnico-racial. “Além disso, tanto a trajetória como a fala dos entrevistados mostram que, muito além de algum projeto de embranquecimento, é no processo ascensional que eles redescobrem e tentam incorporar símbolos e costumes tidos como negros no próprio estilo de vida.” (p. 110).

Assim como o trabalho de Figueiredo, boa parte dos estudos recentes sobre ascensão social de negros no Brasil enfatiza as experiências e dificuldades de negros que ascendem e passam a freqüentar ambientes e residir em bairros predominantemente brancos e ricos. Minha pesquisa enfoca os negros que ascenderam sócio-economicamente mas permanecem em bairros periféricos que contam uma proporção expressiva de população negra e pobre. Ou seja, os negros que apesar de terem ascendido socialmente, permanecem, em certa medida, “no lugar”.

O enfoque sobre os negros que residem nas periferias, apesar de terem ascendido socialmente, aponta para questionamentos sobre as conseqüências da segregação para este grupo, em especial para sua identidade e estilo de vida. Parto do pressuposto que o local de moradia pode ser tomado como um importante referencial identitário (Andrade e Mendonça 2007), podendo conformar, inclusive, determinados modos de vida e visões de mundo.¹

1 Pierucci (1989), por exemplo, analisa um certo segmento da classe média cujo local de moradia (bairros da Zona Leste de São Paulo) é um traço inferiorizador do seu *status*, implicando em uma auto-percepção, auto-avaliação e num auto-recorte específico com relação à classe média em geral. De maneira que este grupo rejeita a visão de mundo e o estilo de vida da classe média “chique e *in*”, distante social e geograficamente deste grupo. Assim, ocupar uma posição mais privilegiada na hierarquia social e residir em um bairro com uma posição desfavorecida na hierarquia espacial pode indicar uma especificidade de determinado grupo ou fração de classe, inclusive em termos de mentalidades. Cabe aqui a busca de uma especificidade dos negros de classe média dos bairros periféricos, em sua relação com o local onde residem.

A proposta ganha força se levarmos em consideração que atualmente difundem-se diversos discursos que proclamam uma identidade periférica fundada em experiências compartilhadas por moradores destes espaços. Muitas vezes, esta identidade periférica aparece ligada a uma idéia de negritude (principalmente por parte de grupos de *rap* e de certos autores da chamada literatura periférica), inclusive em algumas pesquisas acadêmicas que abordam as periferias utilizando o conceito de territórios negros.

Então, além de questionar como se constrói a identidade destes negros que ascendem mas permanecem “no lugar”, devemos perguntar em que medida esta identidade pode estar ou não vinculada a estes discursos que concebem a periferia como um território negro.

A seguir, realizo uma discussão sobre o tema segregação na cidade de São Paulo, considerando o peso da variável raça. Por fim, retomarei questionamentos sobre raça, espaço e identidade.

2. Segregação

O sociólogo norte-americano Edward Telles publicou, na década de 1990, uma série de artigos analisando o peso da variável cor² nos índices de segregação residencial em 35 regiões metropolitanas do Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil, a partir dos dados do Censo demográfico brasileiro de 1980.³ Para medir a segregação foi utilizado o índice de dissimilaridade, que mede a uniformidade de distribuição de grupos sociais no espaço.⁴

De acordo com os índices, pode-se considerar a segregação racial por residência no Brasil como sendo moderada, se comparada aos padrões extremos encontrados nos Estados Unidos. No

2 “Cor” será entendida aqui como uma categoria racial. Tal qual nos ensina Guimarães (2003: 103-4): “(...) a análise dessa categoria, no Brasil, nos leva à conclusão, sem grande dificuldade, de que a classificação por cor é orientada pela idéia de raça, ou seja, que a classificação das pessoas por cor é orientada por um discurso sobre qualidades, atitudes e essências transmitidas por sangue, que remontam a uma origem ancestral comum (...) O meu argumento é o seguinte: “cor” não é uma categoria objetiva, cor é uma categoria racial, pois quando se classificam as pessoas como negros, mulatos ou pardos é a idéia de raça que orienta essa forma de classificação.” Utilizarei aqui a classificação por cor/raça proposta pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística): brancos, pretos, pardos, amarelos, indígenas, outras. Considerando “negros” a soma das categorias pretos e pardos.

3 Telles 1993, 1995, 2003.

4 O índice de dissimilaridade resulta na proporção de pessoas de um dado grupo social A que teria de mudar de uma determinada área para que passasse a ter a mesma uniformidade de distribuição de um dado grupo B. O valor vai de 0, quando os grupos A e B estão uniformemente distribuídos numa área urbana, até 1, no caso em que A e B não compartilham nenhuma área, ou seja, segregação total.

entanto, para verificar até que ponto a segregação residencial por raça ou cor no Brasil está ligada ou não à variável classe social, Telles separou a população das metrópoles em faixas de renda e calculou os índices de segregação dentro de cada faixa. Observando, assim, que os índices vão crescendo na medida em que cresce o nível de renda.

A partir destes resultados de Telles formulo a hipótese de que, em São Paulo, a população negra dos estratos médio e alto tenderia a se localizar em espaços distintos da população branca destes mesmos estratos. De modo que, mesmo nos estratos médio e alto, os negros teriam maior concentração nas áreas periféricas que os brancos. Para explorar esta hipótese procederemos, primeiro, na delimitação do conceito de segregação, em seguida, na identificação das áreas periféricas e, por fim, na apresentação dos dados.

Entenderemos segregação aqui como o grau de maior ou menor separação ou concentração de determinado categoria social (delimitada analiticamente) com relação à outra.⁵ Ou seja, trata-se de investigar em que medida um grupo se segrega com relação a outro. Aqui consideraremos a medida na qual os negros de classe média se segregam com relação aos brancos dos mesmos estratos.

No Brasil, os estudos mais clássicos sobre segregação tem focado a concentração da população pobre nas periferias das grandes metrópoles. Estudos recentes têm construído críticas aos modelos de estruturação urbana centrados na divisão entre centro e periferia que implicam em uma visão generalizante e simplificadora da distribuição espacial dos grupos sociais. Tal modelo considera a periferia como um espaço homogêneo de pobreza, marcado pela ausência do Estado e pelas más condições de vida e acesso ao mercado de trabalho.

A literatura recente tem colocado em pauta a questão da heterogeneidade da periferia e a necessidade em se falar de periferias (no plural). A coletânea organizada por Marques e Torres (2005) contém diversos textos que expõe estas novas configurações da segregação e das desigualdades sociais na Região Metropolitana de São Paulo. O texto de Marques (2005b), por exemplo, tem o objetivo de revelar a distribuição dos grupos sociais no espaço urbano, bem como os conteúdos sociais dos diversos espaços, numa escala mais detalhada. Este trabalho se

5 Segregação como “separação, ou homogeneidade interna e heterogeneidade externa na distribuição dos grupos no espaço. (...) trata-se de investigar padrões de semelhança e diferença na distribuição dos grupos sociais no espaço, considerando alguma clivagem (renda, escolaridade, raça, etc.)” (Marques 2005a: 34)

enquadra numa proposta de se contrapor ao chamado “modelo radial-concêntrico” de estruturação urbana de São Paulo, que tem uma imagem da metrópole calcada num gradiente decrescente de indicadores – como por exemplo, renda, bem-estar, e serviços e equipamentos públicos – do centro para a periferia. O autor propõe uma mudança de escala de análise, antes realizada através dos dados de distritos dos municípios ou de médias de círculos concêntricos partindo do centro da metrópole, para as áreas de ponderação (AP). Permitindo, assim, um maior grau de detalhamento, visto que as AP são unidades espaciais bem menores que os distritos.

A área de ponderação é a unidade espacial de maior desagregação na qual são divulgados os dados da amostra do censo brasileiro, que incluem as variáveis cor/raça e ocupação por exemplo. As AP são áreas homogêneas do ponto demográfico e sócio-economicamente delimitadas pelo IBGE e formadas por 4000 domicílios, dos quais cerca de 10% compõem a amostra do Censo.

Tal mudança de escala trouxe um ganho em riqueza de detalhes na localização espacial dos dados da metrópole, revelando uma grande heterogeneidade no espaço urbano, permitindo que o “modelo radial-concêntrico” pudesse ser qualificado como uma “generalização grosseira” (Marques e Bitar 2002), e ratificando a idéia de que existem periferias no plural e não apenas uma periferia homogênea na pobreza e na precariedade.

A partir de dados da amostra do censo reunidos através de duas variáveis-síntese: renda domiciliar média e taxa de crescimento demográfico, as áreas de ponderação foram classificadas em dez grupos.⁶ Estes grupos revelam um continuum de posições sócio-econômicas e condições urbanas. Os grupos de áreas de ponderação 1 a 3, que concentram a população de classe baixa, foram reunidos sob a denominação de periferias,⁷ os grupos de 4 a 7 foram chamados de áreas intermediárias ou áreas de classe média, e os grupos de 8 a 10 de áreas de elite. Esta classificação será utilizada como parâmetro de operacionalização e análise em minha pesquisa. O resultado pode ser verificado no mapa 1.

Vamos aos dados.

6 Estas variáveis síntese expressam conjuntos de fenômenos altamente associados a elas. Por exemplo, renda está altamente associada à escolaridade e à raça, crescimento demográfico à precariedade urbana e migração recente. A tipologia é construída a partir do cruzamentos dos quintis das variáveis-síntese.

7 Apesar da constatação da heterogeneidade das periferias, ainda prevalece o posicionamento de que as áreas periféricas concentram a população pobre.

A tabela 1 apresenta a distribuição da população de mais de dez milhões de pessoas que vivem no município de São Paulo segundo sua cor ou raça. Nela observamos que 30% da população paulistana é negra.

Entretanto, se observarmos a tabela 2, notamos que os negros tem uma distribuição bem distinta dos brancos nas diversas faixas de renda.⁸ A população negra se encontra em proporções superiores à população branca nas faixas de renda até 5 salários-mínimos e de 5 a 10 salários-mínimos; e inferiores à população branca na faixa de 10 a 20 salários mínimos (21,9% dos brancos e 14,8% dos negros) e na faixa acima de 20 salários-mínimo (23,2% dos brancos e 5,5% dos negros). Ou seja, os negros têm maior concentração nas faixas de renda mais baixas.

A tabela 3 mostra que mais da metade da população negra do município de São Paulo reside em áreas periféricas. Esta tendência é melhor detalhada através do mapa 2, que apresenta a proporção de negros para cada área de ponderação. Nele, podemos notar que as áreas de ponderação periféricas são as que apresentam uma proporção de negros acima da média.

Cabe agora questionar em que medida as periferias apresentam maiores proporções de negros porque concentram a população pobre, dado que a correlação entre ser negro e pobre no Brasil é muito forte. Ou melhor: em que áreas residem os negros que não são pobres?

As tabelas 4 e 5 respondem esta questão. A população branca na faixa entre 10 e 20 salários-mínimos distribui-se da seguinte maneira: 16,3% em áreas de elite, 62,5% em áreas intermediárias e 21,2% em áreas periféricas. Já os negros neste mesmo estrato apresentam a seguinte distribuição: 5,6% em áreas de elite, 52% em áreas intermediárias e 42,4% em áreas periféricas. Apesar da maior concentração de ambos em áreas intermediárias, a proporção de negros desta faixa de renda em áreas periféricas é o dobro da proporção de brancos.

Comparando a distribuição por áreas entre negros e brancos dentro da faixa de renda acima de 20 salários-mínimos, os negros concentram-se mais nas áreas intermediárias (57%), com o restante quase dividindo-se entre áreas periféricas (22,4%) e de elite (20,2%). Já os brancos deste estrato dividem-se entre áreas de elite e intermediárias (47,1% em cada), com apenas 5,8% em áreas

8 Trata-se aqui da renda domiciliar em salários-mínimos em 2000, ano de realização do último Censo. Neste ano, o salário-mínimo brasileiro era de 151 reais, que correspondia a um valor entre 80 e 90 dólares.

periféricas. É importante enfatizar que aqui estamos comparando proporções da distribuição de negros e brancos em cada tipo de área. Os valores absolutos podem ser verificados na tabela 4.

Sem embargo, fica demonstrado que os negros nas faixas de renda mais alta concentram-se mais nas áreas periféricas de São Paulo que os brancos nas mesmas faixas de renda. Considerando a definição dada acima, existe, então, um grau de segregação dos negros das faixas de renda mais altas com relação aos brancos neste mesmos estratos.

A segregação pode ter diversas conseqüências para um grupo segregado, positivas ou negativas. Bichir (2006) cita, por exemplo:

A homogeneidade social da pobreza em certas áreas pode ter diversas conseqüências negativas, como o isolamento em relação a diversas redes sociais e a oportunidades de vida em geral (Pavez, 2006; Briggs, 2001), a dificuldade de acessar o mercado de trabalho (Kaztman e Retamoso, 2005a) e outras políticas públicas (Torres e Bichir, 2005), além de conseqüências nocivas do ponto de vista da socialização, da transmissão de valores e modelos, contribuindo para a reprodução da pobreza (Brooks-Gunn e Duncan, 1997; Yinger, 2001; Durlauf, 2001). Porém, também é possível verificar que a homogeneidade social de certas áreas pobres pode contribuir para gerar laços de sociabilidade e solidariedade internos (D'Almeida e Andrea, 2005), além de maior capacidade de organização e combatividade frente ao Estado (Sabatini, 2004). (p. 18)

Qadeer (2004) enfatiza o fato de que apesar da segregação facilitar a manutenção de estigmas e estereótipos, também ajuda a fundar laços de identitários e de solidariedade.

3. Identidade, Raça e Periferia

Dentre as possíveis conseqüências da segregação, esta pesquisa pretende dar maior ênfase às questões identitárias, em especial a discursos que associam a periferia a certas representações em torno da população negra. Seja de modo estigmatizado ou através de ressignificações dos estigmas.

Rolnik (1989) faz um levantamento histórico da inserção territorial do negro no Rio de Janeiro e em São Paulo. Ao delinear este quadro, a autora apresenta a noção de “território negro” como um espaço com história e tradições próprias, além de ser marcado por um estigma de marginalidade e desorganização associada à população negra. Tais territórios nunca foram exclusivamente negros – lá residiam também diversos grupos das camadas populares – não obstante abrigavam “comunidades afro-brasileiras fortemente estruturadas” (Rolnik 1989: 35).⁹

A idéia de que estigmas atribuídos ao negro estão também associados às representações de determinados espaços da cidade também é levantada por outros pesquisadores. Silva (2004), por exemplo, retoma a noção de “território negro” de Rolnik para tratar de bairros que, apesar de marginalizados, eram mais propícios ao encontro e à sociabilidade da população negra. Vargas (2005) elabora a noção de “espaços racializados” para se referir às representações que associam negritude e favela e que permeiam o senso comum, as quais a mídia ajuda a construir e consolidar.¹⁰

O trabalho de Carril (2003) chama atenção para o papel do rap na construção de um discurso que traz a idéia de uma identidade negra fundada sobre um território, a periferia. O discurso do rap a respeito da periferia é o tema da dissertação de Guasco (2000). Interessa aqui a forma pela qual Guasco concebe a idéia de “periferia”, como uma “categoria nativa que não se limita a uma referência geográfico-espacial, mas descreve uma condição social que costura uma identidade entre pretos e pobres” (p. 21). Ele aponta ainda que “o rap é um dos maiores responsáveis pela sedimentação de uma identidade de periferia, que atualmente parece substituir num grau mais acentuado o que teria sido para outras gerações a identidade de pobre” (p. 102).

Num momento em que a literatura tem colocado em pauta a questão da heterogeneidade da periferia (Cf. Marques e Torres 2005) e a necessidade em se falar de periferias (no plural), proponho um questionamento acerca dos discursos e representações a respeito destes espaços, em especial aqueles que associam negritude e periferia.

9 Rolnik também nos apresenta dados que informam que os negros não estão uniformemente distribuídos nas periferias paulistanas, mas se concentram em núcleos que já eram “territórios negros” desde pelo menos a década de 1930.

10 “Daí a percepção comum no Brasil de que, se uma pessoa é moradora de favela, ele ou ela deve ser não-branco/a.” (Vargas 2005: 102)

Dada a possibilidade de existir uma “idéia de periferia”, presente no discurso acadêmico, do rap e no senso comum, o conteúdo do que significa “periferia” será aqui problematizado com ênfase nas representações do grupo de atores recortado para esta pesquisa – os negros de classe média residentes nestas áreas. Adoto aqui a postura proposta por Frúgoli Jr. (2005), que chama atenção para a necessidade de pesquisas que considerem o tema da periferia não apenas como uma espacialidade sujeita a diversos graus de segregação (ou de consolidação), mas também como um conjunto de representações nativas.¹¹

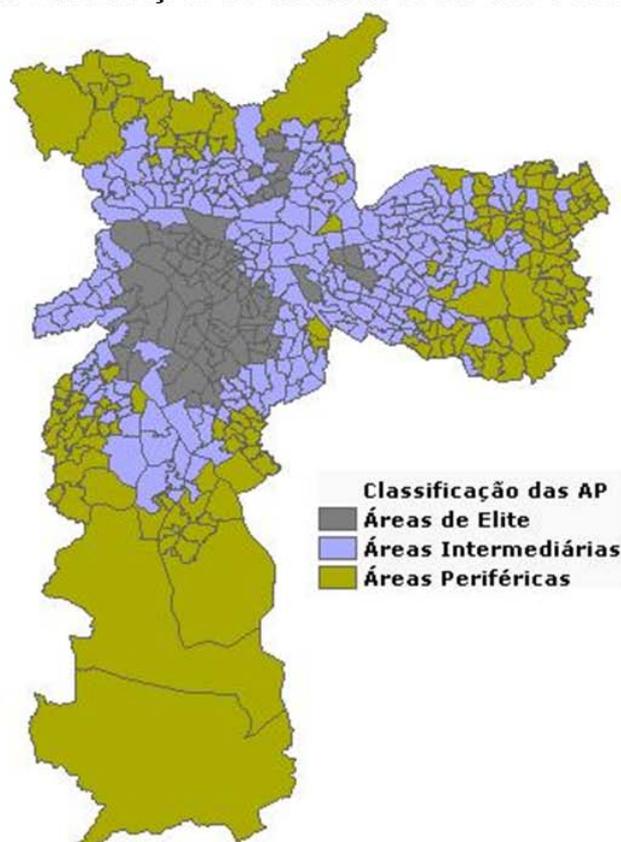
Desta maneira, o estigma negativo de morar na periferia (assim como de ser negro) pode ser ressignificado e positivado na forma de uma identidade de negro e periférico a por parte de uma classe média negra presente neste contexto (a partir da influência de diversos movimentos de ressignificação).¹²

Retomando as questões expostas anteriormente, este projeto pretende indagar em que medida os negros de classe média “no lugar” se diferenciam dos negros de classe média “fora do lugar” e de modo os discursos que associam negritude e periferia são recebidos ou reproduzidos por este grupo.

11 Haja vista que ele retoma alguns resultados da pesquisa de Guasco (2000), enfatizando o papel do rap na construção de uma narrativa de “singularização da periferia”, implicando na produção e divulgação de uma determinada representação local ou nativa. Nesta mesma linha, Nascimento (2006) aborda os discursos de escritores “marginais” que se colocam ao lado do rap como porta-vozes da periferia, referindo-se inclusive a uma certa “cultura da periferia”.

12 Como indica o trabalho de Soares (2004), quando trata da questão estética: “A construção de uma identidade positiva passa pela questão estética (...) A sociedade imputa ao negro uma série de atributos negativos em razão de suas características fenotípicas. Há também um movimento de resistência. Assim, o cabelo e a cor da pele, de símbolos de inferioridade, passam a ser ícones de beleza. A beleza negra surge como um padrão de beleza alternativo” (p. 193). Guasco (2000), diz que “os *rappers* desenvolvem a sua identidade e seu discurso assimilando o estereótipo que recai sobre eles, valorizando aspectos negativos como sinais de identidade, mas devolvendo essa imagem negativa à sociedade abrangente e ao chamado sistema” (p. 26). Nascimento (2004), mostra que os escritores estudados têm como projeto dar uma “nova significação à periferia, por meio da valorização da ‘cultura’ de tal espaço (...)” (p. 172).

MAPA 1 – CLASSIFICAÇÃO DAS ÁREAS DE PONDERAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO



MAPA 2 – PROPORÇÃO DE NEGROS NAS ÁREAS DE PONDERAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

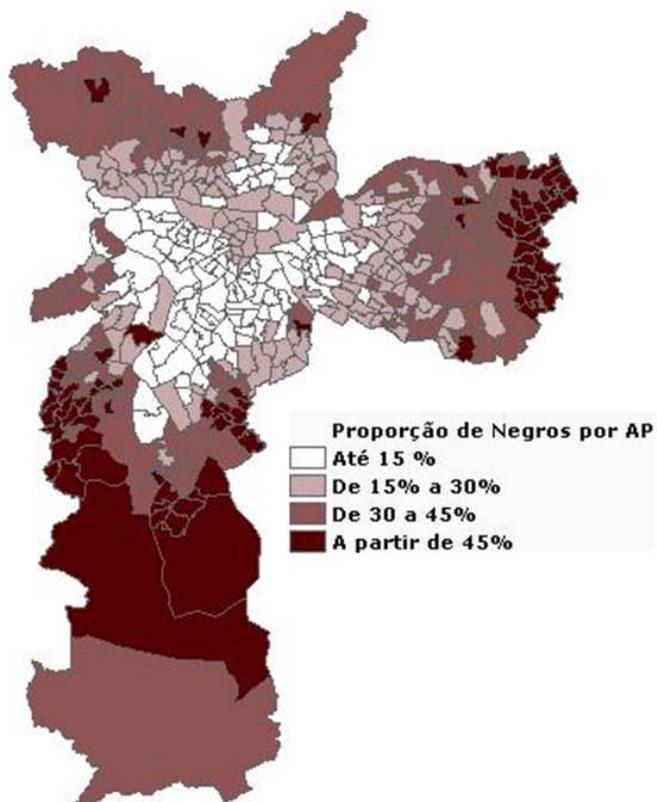


Tabela 1 - Distribuição da População de São Paulo por Raça / Cor (2000)

Raça/Cor	Contagem	%
Branco	6988908	67
Negro	3133315	30
Outros¹	313323	3
Total	10435546	100

¹ Outros: corresponde à soma de: amarelos, indígenas e outros.

Tabela 2 - Distribuição dos grupos Raciais por Faixas de Renda Domiciliar (em SM) (2000)

Faixas de Renda Domiciliar (em SM)		Raça / Cor			Total
		Branco	Negro	Outros ¹	
Até 5 SM	Contagem	2021005	1537670	66028	3624703
	%	29,00%	49,30%	21,70%	34,90%
De 5 a 10 SM	Contagem	1801423	946462	58669	2806554
	%	25,90%	30,40%	19,30%	27,00%
De 10 a 20 SM	Contagem	1522915	462086	66971	2051972
	%	21,90%	14,80%	22,00%	19,80%
Acima de 20 SM	Contagem	1612786	171108	112949	1896843
	%	23,20%	5,50%	37,10%	18,30%
Total	Contagem	6958129	3117326	304617	10380072
	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

¹ Outros: corresponde à soma de: amarelos, indígenas e outros.

Tabela 3 - Distribuição dos grupos Raciais por Tipo de Área de Ponderação (2000)

Tipo de área	Branco	Negro	Outros ¹	Total
Elite	18,2%	3,9%	46,7%	26,8%
Intermediária	52,0%	40,2%	49,8%	54,0%
Periférica	29,8%	55,9%	3,5%	19,2%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

¹ Outros: corresponde a soma de: amarelos, indígenas e outros.

Tabela 4 - Distribuição dos Negros e Brancos segundo Faixas de Renda Domiciliar (em SM) e Tipo de Área de Ponderação (2000)

Raça / Cor	Tipo de Área		Faixas de Renda Domiciliar (em SM)				Total
			Até 5 SM	De 5 a 10 SM	De 10 a 20 SM	Acima de 20 SM	
Branco	Elite	Contagem	103403	157469	248091	759680	1268643
		%	5,10%	8,70%	16,30%	47,10%	18,20%
	Intermediária	Contagem	914430	992697	951481	758989	3617597
		%	45,20%	55,10%	62,50%	47,10%	52,00%
	Periférica	Contagem	1003172	651257	323343	94118	2071890
		%	49,60%	36,20%	21,20%	5,80%	29,80%
	Total	Contagem	2021005	1801423	1522915	1612787	6958130
		%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%
Negro	Elite	Contagem	32598	29913	25942	34649	123102
		%	2,10%	3,20%	5,60%	20,20%	3,90%
	Intermediária	Contagem	516119	398487	240341	98056	1253003
		%	33,60%	42,10%	52,00%	57,30%	40,20%
	Periférica	Contagem	988953	518062	195803	38404	1741222
		%	64,30%	54,70%	42,40%	22,40%	55,90%
	Total	Contagem	1537670	946462	462086	171109	3117327
		%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Tabela 5 - Distribuição dos grupos raciais segundo Faixas de Renda Domiciliar (em SM) e Tipo de Área de Ponderação (2000)

Faixas de Renda Domiciliar (em SM)	Tipos de Área	Raça / Cor			Total
		Branços	Negros	Outros ¹	
De 10 a 20 SM	Elite	16,30%	5,60%	23,50%	14,10%
	Intermediária	62,50%	52,00%	62,60%	60,10%
	Periférica	21,20%	42,40%	14,00%	25,80%
	Total	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%
Acima de 20 SM	Elite	47,10%	20,20%	46,70%	44,70%
	Intermediária	47,10%	57,30%	49,80%	48,10%
	Periférica	5,80%	22,40%	3,50%	7,20%
	Total	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

¹ Outros: corresponde a soma de: amarelos, indígenas e outros.

Bibliografia

- ANDRADE, Luciana Teixeira & MENDONÇA, Jupira Gomes "Estudo de bairros: construindo uma metodologia qualitativa com suporte quantitativo". 31º Encontro Anual da ANPOCS. 2007
- BICHIR, Renata Mirandola. Segregação e Acesso a Políticas Públicas no Município de São Paulo. Dissertação de Mestrado em Ciência Política. São Paulo: FFLCH-USP. 2006.
- CARRIL, Lourdes de Fátima Bezerra. *Quilombo, favela e periferia: a longa busca da cidadania*. Tese de Doutorado em Geografia Humana. São Paulo: FFLCH-USP. 2003.
- COSTA, Carolina Souza Ribeiro da e RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. "Cor, Status e Segregação Residencial em Belo Horizonte: Notas Exploratórias". Em: XI Seminário sobre a Economia Mineira. Diamantina: CEDEPLAR/UFMG. 2004.
- FIGUEIREDO, Ângela. *Novas Elites de Cor: Estudo sobre os Profissionais Liberais Negros de Salvador*. São Paulo: Annablume. 2002.
- FIGUEIREDO, Angela (2004). Fora do jogo: a experiência dos negros na classe média brasileira. *Cadernos Pagu*, no.23.
- FRUGOLI Jr. Heitor. "O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia". *Revista de Antropologia* Vol. 48. Nº. 1. São Paulo: USP. 2005
- GARCIA, Antônia dos Santos. "Desigualdades Raciais e Segregação Urbana Contemporâneas: Salvador, Cidade d'Oxum e Rio de Janeiro, Cidade d'Ogum". Em: XII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. Belém: 2007.
- GUASCO, Pedro Paulo. *Num país chamado Periferia: identidade e representação da realidade entre os rappers de São Paulo*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. São Paulo: FFLCH-USP. 2000.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. "Como trabalhar com "raça" em sociologia". *Educação e Pesquisa*, vol.29. 2003.
- MARQUES, Eduardo César & TORRES, Haroldo da Gama (org.). *São Paulo: segregação, pobreza e desigualdade social*. São Paulo: Editora Senac. 2005.
- MARQUES, Eduardo César. "Espaço e grupos sociais na virada do século XXI". Em: Marques e Torres 2005.
- MASSEY, Douglas & DENTON, Nancy. "Trends in the Residential Segregation of Blacks, Hispanics, and Asians: 1970-1980" *American Sociological Review*, Vol.52, Nº. 6, 1987.
- NASCIMENTO, Érica Peçanha. *Literatura Marginal: os escritores da periferia entram em cena*. Dissertação de Mestrado. PPGAS-FFLCH-USP. 2006.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. "A direita mora do outro lado da cidade". *Revista Brasileira de Ciências Sociais* Nº. 10. Vol. 4, junho de 1989.
- QADEER, Mohammad. "Segregação Étnica em uma Cidade Multicultural. Toronto, Canadá". *Espaço e Debates* V. 24. N. 45. 2004.
- RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. "Status, Cor e Desigualdades Sócio-Espaciais na Metrópole do Rio de Janeiro". Em: XII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. Belém: 2007.
- ROLNIK, Raquel. "Território Negros nas Cidades Brasileiras (Etnicidade e Cidade em São Paulo e no Rio de Janeiro)". *Estudos Afro-Asiáticos* Nº. 19, pp 29-41. 1989.
- SILVA, Maria Nilza da. *Nem para todos é a cidade: segregação urbana e racial em São Paulo*. Doutorado em Ciências Sociais. PUC-SP. 2004.

- SOARES, Reinaldo da Silva. *Negros de classe média em São Paulo: estilo de vida e identidade negra*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. São Paulo: FFLCH-USP. 2004.
- TELLES, Edward. "Cor da Pele e Segregação Residencial no Brasil". *Estudos Afro-Asiáticos* Nº. 24, pp. 5-22. 1993.
- TELLES, Edward. "Race, Class and Space in Brazilian Cities" *International Journal of Urban and Regional Research* Nº. 19. pp. 295-406. 1995.
- TELLES, Edward. *Racismo à Brasileira. Uma Nova Perspectiva Sociológica*. Rio de Janeiro. Relume-Dumará / Fundação Ford. 2003.
- VARGAS, João H. Costa. "Apartheid brasileiro: raça e segregação residencial no Rio de Janeiro." *Revista de Antropologia* Vol. 48 Nº. 1. São Paulo: USP. 2005.